

O túmulo

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Certo dia, um camponês rico estava em seu terreiro, olhando os campos e os pomares. Os cereais cresciam vigorosos, e as árvores estavam carregadas de frutas. Os grãos do ano anterior ainda formavam montes tão grandes no sótão que as vigas mal conseguiam suportá-los. Depois ele foi ao estábulo, onde estavam os bois cevados, as vacas gordas e os cavalos de pelo reluzente. Por fim, voltou à sala e olhou os cofres de ferro em que guardava o dinheiro. Enquanto estava ali, contemplando sua riqueza, de repente ouviu fortes batidas. Mas não era à porta de sua sala que batiam, e sim à porta de seu coração. Ela se abriu, e ele ouviu uma voz que lhe dizia:

— Você fez algum bem aos seus com tudo isso? Olhou para a miséria dos pobres? Repartiu seu pão com os famintos? O que possuía lhe bastava, ou sempre quis mais?

O coração não demorou a responder:

— Fui duro e implacável e nunca fiz bem algum aos meus. Quando chegava um pobre, eu desviava os olhos. Não me preocupei com Deus, só pensei em aumentar minha riqueza. Mesmo que fosse meu tudo o que o céu cobre, ainda assim não me teria bastado.

Quando ouviu essa resposta, ele ficou muito assustado: os joelhos começaram a tremer, e teve de se sentar. Então tornaram a bater, mas desta vez à porta da sala. Era seu vizinho, um homem pobre com um bando de filhos, que já não conseguia alimentar. “Sei”, pensou o pobre, “que meu vizinho é rico, mas

também é duro. Não acredito que vá me ajudar, mas meus filhos choram pedindo pão; por isso vou tentar.” Disse ao rico:

— O senhor não costuma dar facilmente nada do que é seu, mas estou como alguém com a água até a cabeça. Meus filhos passam fome; empreste-me quatro malters de grãos.

O rico olhou longamente para ele, e então o primeiro raio de sol da bondade começou a derreter uma gota do gelo da cobiça.

— Não vou lhe emprestar quatro malters — respondeu —, mas vou lhe dar oito de presente. Só que você terá de cumprir uma condição.

— O que devo fazer? — perguntou o pobre.

— Quando eu morrer, você deverá vigiar meu túmulo por três noites.

O camponês sentiu um mal-estar inquietante diante daquela proposta. Mas, na miséria em que se encontrava, teria aceitado qualquer coisa; por isso concordou e levou os grãos para casa.

Foi como se o rico tivesse previsto o que aconteceria: três dias depois, caiu de repente morto no chão. Ninguém soube ao certo como aquilo acontecera, mas ninguém chorou por ele. Depois do enterro, o pobre se lembrou de sua promessa. Bem que gostaria de estar livre dela, mas pensou: “Afinal, ele foi caridoso com você, e com os grãos dele você matou a fome dos seus filhos. E, mesmo que não fosse por isso, você deu sua palavra e tem de cumpri-la.” Ao cair da noite, foi ao cemitério e se sentou sobre o montículo do túmulo. Tudo estava quieto; apenas a lua brilhava sobre os túmulos, e de vez em quando uma coruja passava voando e soltava seus gritos lastimosos. Quando o sol nasceu, o pobre voltou para casa sem ter sofrido nenhum mal, e a segunda noite também transcorreu tranquilamente. Na tarde do terceiro dia, sentiu

um medo especial, como se alguma coisa ainda estivesse por acontecer. Quando saiu, viu junto ao muro do cemitério um homem que nunca tinha visto. Já não era jovem, tinha cicatrizes no rosto, e seus olhos olhavam ao redor com atenção e ardor. Estava todo coberto por uma velha capa; só se viam umas grandes botas de montaria.

— O que o senhor procura aqui? — perguntou o camponês. — Não sente medo neste cemitério deserto?

— Não procuro nada — respondeu ele —, mas também não temo nada. Sou como o rapaz que saiu para aprender a sentir medo e se esforçou em vão; só que ele recebeu uma princesa por esposa e, com ela, grandes riquezas, enquanto eu sempre continuei pobre. Não passo de um soldado dispensado do serviço e quero passar a noite aqui, porque não tenho outro abrigo.

— Se o senhor não tem medo — disse o camponês —, fique comigo e me ajude a vigiar aquele túmulo.

— Montar guarda é trabalho de soldado — respondeu ele. — O que nos acontecer aqui, seja bom ou ruim, vamos enfrentar juntos.

O camponês lhe apertou a mão, e os dois se sentaram sobre o túmulo.

Tudo continuou quieto até a meia-noite. Então um assobio agudo cortou de repente o ar, e os dois vigias viram o Maligno em pessoa diante deles.

— Fora daqui, seus patifes! — gritou. — O que está neste túmulo é meu. Vim buscá-lo e, se vocês não forem embora, torço o pescoço dos dois.

— Senhor da pena vermelha — disse o soldado —, o senhor não é meu capitão, não tenho de lhe obedecer e ainda não aprendi a ter medo. Siga seu caminho; nós vamos continuar sentados aqui.

O diabo pensou: “O melhor jeito de apanhar esses dois maltrapilhos é com ouro.” Mudou para um tom mais brando e perguntou, todo amistoso, se não queriam aceitar uma bolsa de ouro e ir para casa com ela.

— Isso já soa bem — respondeu o soldado. — Mas uma bolsa de ouro não nos serve. Se quiser dar tanto ouro quanto caiba numa das minhas botas, então deixaremos o campo livre e iremos embora.

— Não tenho tanto comigo — disse o diabo —, mas vou buscar. Na cidade vizinha mora um cambista que é meu grande amigo; ele terá prazer em me adiantar essa quantia.

Assim que o diabo desapareceu, o soldado tirou a bota esquerda e disse:

— Vamos pregar uma peça nesse carvoeiro. Empreste-me sua faca, compadre.

Cortou a sola da bota e a colocou ao lado do montículo, no capim alto, à beira de uma cova meio tomada pela vegetação.

— Agora está tudo certo — disse. — O limpa-chaminés já pode vir.

Os dois se sentaram e esperaram. Não demorou muito, e o diabo chegou com um saquinho de ouro na mão.

— Vá despejando aqui — disse o soldado, levantando um pouco a bota. — Mas isso não vai bastar.

O diabo negro esvaziou o saquinho, o ouro atravessou a bota, e ela continuou vazia.

— Diabo burro! — gritou o soldado. — Não chega; eu não disse logo de início? Volte e traga mais.

O diabo sacudiu a cabeça, foi embora e voltou uma hora depois com um saco muito maior debaixo do braço.

— É só despejar — gritou o soldado. — Mas duvido que a bota fique cheia.

O ouro tilintava ao cair, e a bota continuava vazia. O próprio diabo espiou lá dentro com seus olhos incandescentes e se convenceu de que era verdade.

— O senhor tem umas panturrilhas de grossura descarada! — gritou, torcendo a boca.

— Acha que tenho pé de cavalo como o senhor? — respondeu o soldado. — Desde quando é tão avarento? Vá tratar de trazer mais ouro, ou nosso negócio não vai dar em nada.

O monstro tornou a ir embora. Dessa vez, demorou mais e, quando finalmente apareceu, vinha ofegante sob o peso de um saco que carregava no ombro. Despejou-o na bota, mas ela continuou sem se encher, como antes. Ele ficou furioso e quis arrancar a bota das mãos do soldado, mas naquele instante o primeiro raio do sol nascente despontou no céu, e o espírito maligno fugiu soltando altos gritos. A pobre alma estava salva.

O camponês queria repartir o ouro, mas o soldado disse:

— Dê aos pobres a parte que me cabe. Vou morar com você na sua cabana, e com o que restar viveremos juntos em paz e sossego, por quanto tempo Deus quiser.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-tumulo>